

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação: Interfaces do Letramento Digital para a Formação de Professores na Cultura Digital

Júnior Alves Feitoza

Mestrado em Formação de Professores, Universidade Estadual da Paraíba

Docente, Secretaria Municipal de Educação, Nova Olinda, PB, Brasil

junior.alves.feitoza@aluno.uepb.edu.br <https://orcid.org/0000-0002-6089-7767>

Simone Dália de Gusmão Aranha

Doutorado em Letras, Universidade Federal da Paraíba

Docente, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, PB, Brasil

simonedalia@servidor.uepb.edu.br <https://orcid.org/0000-0001-6342-3578>

Resumo

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão presentes nos mais variados contextos sociais, inclusive, na educação. Por esta razão, compreende-se a importância de discutir alguns conceitos relacionados à formação de professores para o exercício da docência em espaços educacionais na contemporaneidade. Assim, este artigo tem como objetivo refletir sobre as TDIC em interface com a formação de professores para o desenvolvimento dos letramentos digitais. Nesse sentido, a temática em foco será abordada numa perspectiva teórico-prática, a partir de uma investigação bibliográfica articulada às práticas pedagógicas em sala. Espera-se, pois, que esta problematização possa suscitar outras reflexões que contribuam para o aperfeiçoamento da docência, no sentido de potencializar e/ou desenvolver os letramentos digitais dos professores, em ambientes de trabalho e formação.

Palavras-chave: TDICs; Formação de Professores; Letramentos Digitais.

Abstract

Digital information and communication technologies (TDIC) are present in the most varied social contexts, including education. For this reason, it is understandable the importance of discussing some concepts related to teacher training for teaching in contemporary educational spaces. Thus, this article aims to reflect on TDIC in interface with teacher training for the development of digital literacies. In this sense, the theme in focus will be approached from a theoretical-practical perspective, based on a bibliographical investigation articulated with pedagogical practices in the classroom. It is hoped, therefore, that this problematisation can raise other reflections that

contribute to the improvement of teaching, in the sense of enhancing and/or developing teachers' digital literacy in work and training environments.

Keywords: Digital Information and Communication Technologies; Teacher Training; Digital Literacies.

Introdução

As tecnologias digitais estão presentes nas mais variadas esferas sociais e fazem parte da nossa dinâmica cultural na contemporaneidade, o que torna quase “impossível” pensar as interações humanas sem seu uso.

Em se tratando da educação, percebemos que elas abrem um leque de possibilidades para refletir a formação e a prática docente, no que diz respeito a processos de pesquisa, leitura, produção de textos, construção e compartilhamento de conhecimentos e saberes.

Nesse sentido, quais são os conceitos essenciais a serem discutidos na/para a formação de professores na contemporaneidade? Quais ações podem ser empreendidas pelo professor no âmbito da sua formação que, em interface com as TDIC, viabilizem os letramentos digitais docente e discente?

Partindo dessa problematização, abordamos alguns conceitos relevantes para a prática pedagógica e os processos de ensino e aprendizagem numa cultura da tela. Compreendemos a necessidade de abordar a cultura digital, letramentos digitais e as novas práticas que, abarcando esses conceitos, fomentam habilidades e competências para interagir em rede.

Desse modo, reafirmamos a importância do letramento digital na formação do professor para atuar na cultura digital nos contextos atuais de ensino e aprendizagem que se dão no ciberespaço, em rede.

Para melhor situar nosso leitor, este artigo está estruturado da seguinte forma: Introdução; As TDIC e a formação de professores numa sociedade digital; Interfaces do letramento digital para a formação e a prática de professores; Metodologia; Considerações finais e referências.

Ressaltamos que este estudo não pretende esgotar a temática, nem empreender uma discussão teórica exaustiva. Antes, propõe (re)pensar a formação e as ações

docentes a partir dos espaços e práticas digitais por nós já realizadas. Desse modo, espera-se que essas discussões possam contribuir para suscitar mudanças na atuação e na prática educativa.

As TDIC e a Formação de Professores Numa Sociedade Digital

Refletir acerca da formação docente e dos atuais contextos em que ela se realiza, implica pensá-la numa perspectiva para além dos espaços e tempos delimitados e dos conhecimentos disciplinares inerentes a essa prática, que não são únicos e precisam estar articulados a outros saberes, entre eles, aqueles sobre o uso das tecnologias digitais, passando por um processo de ressignificação.

Ao discutir sobre tecnologias, (Kenski, 2012) afirma que elas sempre estiveram presentes nas sociedades e, ao passo que fazemos usos constantes, esquecemos que determinadas coisas e objetos são, de fato, tecnologias. O enfoque da autora demonstra que durante toda a sua vida e em todas as sociedades, o homem produziu e transitou em meio a diversificadas formas de tecnologias, que muitas vezes condicionam algumas das suas ações, e que tornam a sua existência mais agradável e livre de certas dificuldades.

Em relação às tecnologias, Xavier (2013) aborda que elas podem ser divididas em três grandes categorias, a saber:

- a) **Tecnologias clássicas**, cujos principais representantes podem ser: a agricultura, a roda e a escrita; a relevância de cada uma delas dispensa comentários, e algumas delas já foram aqui mencionadas;
- b) **Tecnologias avançadas**, nessas estão incluídas: a biotecnologia que é hoje a agricultura em seu mais alto nível de manipulação e produtividade; a automação industrial considerada a mecanização operacional de máquinas robotizadas, ou seja, sem intervenção direta de muitas mãos humanas no processo de produção; e a nanotecnologia que corresponde a uma hiperminiaturização de produtos em escala atômica;
- c) **Tecnologias de comunicação** com a produção, o lançamento e a instalação de satélites artificiais na órbita da Terra, responsáveis pela troca de dados de um lado a outro do planeta em tempo real; os semicondutores, que são cristalinos condutores de corrente elétrica que põem em funcionamento transistores, microprocessadores e nanocircuitos tais como os usados em ônibus espaciais e trens de alta velocidade, por exemplo; e computadores em seus mais diferentes modelos, tamanhos e aplicações. (Xavier, 2013, p. 41) (Grifo do autor)

Corroborando a discussão do autor, depreendemos que esses três grupos resumem a vida do homem em sociedade, no que concerne à produção e uso de tecnologias ao longo da sua história. Assim, cada período é marcado por um tipo ou tipos específicos de tecnologias que predominam e estão relacionados ao desenvolvimento atual de cada momento da história social do homem.

A evolução tecnológica desde o surgimento das tecnologias clássicas, com acesso aos artefatos e conhecimentos relacionados ao seu uso para a produção de alimentos e desenvolvimento da agricultura; passando pelas tecnologias avançadas, que marcaram a produção de bens de consumo com base no uso de máquinas e processos sofisticados e automatizados, que não dependem tanto da atuação do homem no sentido de “colocar a mão na massa”; e, por fim, as tecnologias de comunicação, que implicam direto ou diretamente na forma de o homem se informar, comunicar, interagir e compartilhar em sociedade, tornando esse processo cada vez mais mediado por tecnologias e, conseqüentemente, digitais.

A atualização de determinadas tecnologias não implica necessariamente a extinção de outras já existentes ou o abandono dos conhecimentos adquiridos a partir das experiências com as produções de determinado período, ao contrário, eles vão sendo ressignificados por meio das vivências e saberes já adquiridos nas interações tecnológicas suscitadas e requeridas em cada momento e contexto históricos.

Nesse sentido, todas essas inovações, tanto de cunho técnico quanto em se tratando da abordagem para acesso e uso, conduzem-nos a discussões sobre o que as TDIC podem potencializar em relação às ações realizadas nas vivências e práticas que fazemos com e por meio delas. Diante disso, nos questionamos: Em meio a tanta atualização tecnológica a que estamos expostos, em que tipo de sociedade vivemos? Que tipo de cultura vivenciamos? Na compreensão de Xavier,

A cultura digital tem se caracterizado, entre outros aspectos, por:

a) promover mudanças na economia dos signos linguísticos. [...] Com o advento da convergência de mídias, cujo suporte digital mostra-se flexível e aberto ao diálogo com diferentes elementos de significação, a mescla de linguagens, nesses equipamentos, tornou-se realizável.

b) *satisfazer as necessidades de instantaneidade, dinamismo e ubiquidade do homem contemporâneo*. O constante estado de urgência e a necessidade da presença do homem em diferentes lugares simultaneamente são condições que caracterizam

atualmente o sujeito. A pressa é amiga íntima da cultura digital. (Xavier, 2013, p. 51-52) (Grifo do autor)

O modelo tecnológico e digital que marca a sociedade contemporânea, nos coloca em uma dinâmica em rede, na qual é preciso estar sempre conectado para atuar nas mais variadas esferas sociais. Presenciamos mudanças em diversas áreas da vida, muitas delas condicionadas pelo uso das TDIC para a realização de diversificadas atividades diárias, desde se comunicar virtualmente com amigos, marcar uma consulta, entrar em aplicativos de bancos, preparar aulas, realizar e divulgar pesquisas acadêmicas etc. Tudo isso exige de cada um uma comunicação mediada por linguagens e tecnologias digitais de forma rápida, interativa, mediada, em rede.

Em se tratando do contexto educacional, na ótica de Kenski (2013), as TDIC têm reconfigurado espaços e tempos docente e discente e, nesse sentido, a formação docente precisa dar conta daquilo que é essencial para ser aprendido por esse professor que deve estar em constante processo de atualização e, por consequência, de mudanças. Essas se apresentam de forma mais latente na contemporaneidade pelo constante uso o que implica para além dos conhecimentos da sua área específica de atuação, também saberes sobre TDIC para interagir e trabalhar em uma sociedade em que a lógica é digital. No entendimento de Coscarelli e Ribeiro:

Para atualizar os docentes é preciso repensar a sala de aula, refletir sobre os ambientes de ensino/aprendizagem, reconfigurar conceitos e práticas. Assim, com a emergência das novas tecnologias, emergiram formas de interação e até mesmo novos gêneros textuais. (Coscarelli; Ribeiro, 2021, p. 8)

Já é um fato que as TDIC direto ou indiretamente fazem parte da nossa vida em sociedade. Em se tratando da escola, visualizamos alunos com celulares, *tablets*, *notebook*, e isso nos mostra que a tela está a um clique o que coloca o aluno diante da informação e impulsiona os docentes a reverem suas formas de ensinar, em virtude das práticas por eles realizadas, uma vez que estão sempre conectados.

Assim, conceitos e conteúdos passam a ser revistos de modo que a aprendizagem seja ressignificada em virtude das novas situações que podem ocorrer pela colaboração no ciberespaço. Nele, alunos e professores podem interagir de modo a criar novos/outros

espaços de ensino e aprendizagem para postar, comentar, compartilhar e desenvolver habilidades para além do linguístico. Desse modo, como ressalta Lévy (2010):

Em novos “campos virtuais”, os professores e os estudantes partilham os recursos materiais e informacionais de que dispõem. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes “disciplinares” como suas competências pedagógicas. (A formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e a distância). (Lévy, 2010, p. 173)

A formação do professor para o exercício profissional da docência na contemporaneidade deve estar aliada a reconfiguração que tem ocorrido nas formas de integração das mídias para se informar, pesquisar, interagir, compartilhar e publicar conhecimentos e saberes. Os espaços virtuais funcionam como oportunidades para potencializar situações de aprendizagem com base em informações sempre atualizadas, no entanto compreendendo a importância de não reter a informação em si mesma, mas transformá-la em conhecimento a partir de experiências práticas.

Esse novo formato não mais pautado no acúmulo de informações e de saberes disciplinares, mas alicerçado no valor destes, leva o professor a problematizar seu processo formativo de modo a ressignificá-lo. Suas ações pedagógicas são um misto das interações entre teoria, conhecimentos e experiências que emanam dos conhecimentos propiciados pela formação em interface com as vivências sociais em rede trazidas pelos alunos e compartilhadas com o professor.

Porém, como nos adverte Moran (2012), esta faceta traz desafios para os sistemas educacionais incorporarem o uso de tecnologias digitais em seus espaços de ensino e formação. Para o autor: “Aprender a ensinar e a aprender, integrando ambientes presenciais e virtuais, é um dos grandes desafios que estamos enfrentando atualmente na educação no mundo inteiro.” (Moran, 2012, p. 118)

Um dos desafios ainda enfrentados pelos professores no exercício da docência é a questão de integrar as tecnologias digitais nos espaços de formação, pois a realidade de muitos ambientes educacionais não contempla e nem apresenta subsídios para a realização de práticas digitais. Outro fator importante é o entendimento por parte dos professores e da equipe escolar de que as TDIC são essenciais às novas configurações

dos contextos de ensino e formação e, por conseguinte, às novas metodologias e formas de aprender e ensinar na contemporaneidade. Nesse sentido, Buzato argumenta:

O que se espera do cidadão, do professor e do aluno, não é simplesmente que domine um conjunto de símbolos, regras e habilidades ligadas ao uso das TIC, mas que "pratique" as TIC socialmente, isto é, que domine os diferentes "gêneros digitais" que estão sendo construídos sócio-historicamente nas diversas esferas de atividade social em que as TIC são utilizadas para a comunicação. (Buzato, 2006, p. 08)

O que se espera daqueles que atuam em um mundo cada vez mais tecnológico é que não somente usem as tecnologias que estão disponíveis, mas que a partir dessa vivência possam vislumbrar as possibilidades de transformação social dos contextos em que essas experiências tecnológicas fazem parte. Dito de outra maneira, é preciso que elas sejam ressignificadas a partir das práticas possíveis de serem vivenciadas com base na criação de momentos de aprendizagem e interação em ambientes de sala de aula, mas também fora deles.

Diante dessas discussões, a Base Nacional Comum para Formação de Professores, BNC - Formação, aborda a questão da formação numa perspectiva de se pensar a integração entre teoria e prática, de modo a articular os conhecimentos a serem trabalhados e adquiridos a partir de um trabalho integrado. Sendo assim, para que se obtenha êxito, além dos saberes dos componentes curriculares essenciais à formação do aluno, faz-se necessária também a articulação dos conhecimentos relacionados aos ambientes digitais.

Ao analisar o documento, no artigo 8º que trata sobre os fundamentos pedagógicos para a formação dos professores da educação básica, destacamos o inciso IV, que apresenta o seguinte: “emprego pedagógico das inovações e linguagens digitais como recurso para o desenvolvimento, pelos professores em formação, de competências sintonizadas com as previstas na BNCC e com o mundo contemporâneo.” (Brasil, 2019, p. 5)

Pelo exposto, em sua prática formativo-pedagógica, os professores devem ser conduzidos a realizar ações que estejam alinhadas a inovações tecnológicas para o uso e compreensão da linguagem digital, para desenvolver habilidades e competências a serem colocadas em prática em sala de aula, contribuindo para a formação do aluno para atuar

e agir de forma ética na cultura digital. Essas habilidades a serem desenvolvidas pelos docentes precisam estar alinhadas ao texto da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que preconiza que os alunos devem não só usar, mas produzir, compartilhar e criar tecnologias digitais, (Brasil, 2018).

Ao observarmos as habilidades a serem desenvolvidas pelos docentes, destacamos duas, a quarta e a quinta. Elas estão intimamente ligadas ao nosso modo de viver em uma sociedade em que as relações e as vivências são, na sua maioria, digitais, e, por isso, mediada por linguagens e TDIC. Assim, aos docentes cabe:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e fazer com que o estudante amplie seu modelo de expressão ao partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, produzindo sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens. (Brasil, 2019, p. 13)

Ao analisarmos as duas competências, respectivamente, inferimos que um dos primeiros direcionamentos trata da questão dos conhecimentos acerca de diferentes linguagens, entre elas, a digital. Isso nos faz deduzir que esse tipo de linguagem já está consolidado em nossas sociedades, de modo que adquiri-la e compreender a sua lógica e configuração em diversos ambientes não é mais uma opção, mas se tornou essencial, pois muitas das nossas ações em sociedade na dinâmica das redes requerem essa linguagem.

As habilidades e competências relacionadas ao saber tecnológico para agir nessa dinâmica digital, dizem respeito à compreensão, utilização e criação de TDIC e não exclusivamente ao uso. Isso leva a pensar as tecnologias numa perspectiva crítico-reflexiva a partir da realização de práticas pedagógicas que conduzam o sujeito ao exercício ético em sociedade.

Desse modo, as TDIC se apresentam não apenas como ferramentas pedagógicas, mas como espaços de informação e formação através dos quais torna-se possível interagir, produzir e compartilhar conhecimentos. As interações propiciadas pela rede via

ciberespaço potencializa ações de aprendizagem e a criação de espaços colaborativos de construção de saberes. Tudo isso congrega um conjunto de tecnologias intelectuais a que temos acesso e que são capazes de potencializar muitas ações humanas e seus processos. Para Lévy (2010):

Essas tecnologias intelectuais favorecem: novas formas de acesso à informação: navegação por hiperdocumentos, caça à informação através de mecanismos de pesquisa, *knowbots* ou agentes de software, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados; novos estilos de raciocínio e de conhecimento, tais como a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento, que não advém nem da dedução lógica nem da indução a partir da experiência. (Lévy, 2010, p. 159)

Concordamos com o autor quando nos aponta que a lógica e a dinâmica social se modificou, e estamos diante de uma sociedade altamente digital. Isso pode ser facilmente constatado com base nas tecnologias da inteligência que potencializam ações humanas, oportunizando não somente novas formas de acessar e processar informações, mas interagir na própria dinâmica do ciberespaço para realizar ações colaborativas em rede que antes não eram possíveis. Inferimos que ele torna-se, nessa perspectiva, um “espaço” de navegação e interação, mas também de formação de professores pela pesquisa via redes, pelo acesso a plataformas de conhecimento, pela experiência e realização de cursos *on-line*, enfim, pelas possibilidades quase inesgotáveis de acesso, construção e reconstrução de saberes.

Diante dessas constatações e das novas oportunidades de (re)pensar a formação para além de um espaço físico, sentimos a necessidade de adequar os formatos de comunicação, pesquisas, estudos e de publicações em virtude dessas atualizações tecnológicas e do que elas proporcionam. É preciso uma formação em interface com a apropriação das tecnologias digitais e a articulação de conteúdos e práticas pedagógicas aos ambientes e formatos digitais. Para Kenski (2015), isso

Exige professores e alunos em rede, conscientes da necessidade de refletir, discutir, selecionar e filtrar informações recebidas de fontes diferenciadas — livros, revistas, vídeos, *sites*, depoimentos e experiências vividas — sobre os mais diferentes temas. Isso pode trazer mudanças significativas, construídas colaborativamente, no universo da formação. (Kenski, 2015, p. 429)

A dinâmica formativa de professores e alunos em rede passa pela conscientização de todos que é essencial e mais do que isso, é de fundamental importância incorporar às ações didático-pedagógicas conhecimentos variados e advindos de múltiplas fontes. No entanto, essa incorporação da internet e dos ambientes digitais desafiam o professor, uma vez que muitas possibilidades, inclusive, dos alunos se desviarem para realizar outro tipo de atividade é algo possível.

Concordamos com a autora e entendemos os desafios de formar na e para a contemporaneidade um profissional para atuar em ambientes educacionais que não são somente presenciais e em espaços demarcados pelas salas de aula e escolas, mas que extrapolam esses espaços ao se realizarem também em ambientes da *web*. Precisamos refletir se a formação que recebemos dá conta dessas demandas que a sociedade contemporânea coloca, uma realidade de pessoas que estão sempre conectadas e em rede. Diante disso, Coscarelli argumenta:

Estamos preparados para lidar com esse instrumental que se disponibiliza com o advento da informática? Sabemos digitar? Sabemos formatar textos? Sabemos lidar com planilhas? Sabemos criar apresentações? Sabemos navegar? Como então vamos ajudar nossos alunos a dominar essas ferramentas e entrar nesse mundo novo, se não o conhecemos? (Coscarelli, 2021, p. 31)

Esses questionamentos são fundamentais para pensar a formação do educador no século XXI, pois os espaços de formação são múltiplos e plurais, assim como os saberes a serem adquiridos e, embora a universidade ainda seja o espaço a este do processo formativo, ele é feito, na grande maioria das vezes, estabelecendo *links* entre a universidade e outros espaços formativos, entre eles, ambientes virtuais/digitais de aprendizagem.

Tudo isso, coloca em evidência e até em xeque a formação do professor, será que estamos preparados para lidar com as tecnologias digitais nas mais variadas realidades em que elas se apresentam, inclusive, em sala de aula? Será que a nossa formação inicial e mesmo continuada, nos oportuniza vislumbrar o potencial que as TDIC trazem para lidar com a leitura, a escrita, processos de navegação, enfim, num mundo em que a hibridização de linguagens e a hipertextualidade é a marca?

Interfaces do Letramento Digital Para a Formação e a Prática de Professores

Talvez seja algo retórico, mas podíamos iniciar esta sessão perguntando se existe a possibilidade de ser professor na contemporaneidade sem ser letrado digital. Talvez alguns ainda respondam que sim, outros, porém, sejam taxativos ao dizerem que não.

Esse questionamento se faz pertinente, pois visualizamos que as práticas contemporâneas de uso das linguagens estão cada vez mais complexas em virtude da diversidade de TDIC e de gêneros digitais que circulam socialmente e fazem parte das vivências linguísticas dos sujeitos sociais nas mais diversas esferas da comunicação humana. É preciso, pois, conhecer esses gêneros, saber usá-los de forma crítica e articulá-los ao trabalho em sala de aula, algo que nem sempre ocorre.

Diante disso, deve-se refletir acerca do conceito de letramentos digitais para compreender quais as habilidades e competências a serem desenvolvidas pelos docentes para lidar com a leitura e a escrita em contextos mediados pelas tecnologias digitais. Para Masetto:

Esse cenário envolve totalmente o professor em sua função docente, colocando-o na contingência de conhecer os novos recursos tecnológicos, adaptar-se a eles, usá-los e compreendê-los em prol de um processo de aprendizagem mais dinâmico e motivador para seus alunos. (Masetto, 2013, p. 143)

A função do professor como agente de transformação de sujeitos e, conseqüentemente, de cenários sociais, está imersa numa gama de tecnologias digitais que o coloca na interface dos saberes a serem aprendidos e assim criar condições para que os seus alunos desenvolvam o letramento digital em sala de aula.

O exercício da docência deve ser marcado pela apropriação crítica e reflexiva das TDIC, o entendimento do seu potencial pedagógico para a realização de atividades na sua prática. Dito de outra forma, não basta apenas conhecê-las e saber usá-las, mas como, a partir delas, podemos empreender processos de ensino e aprendizagem que motivem professores e alunos a atuarem como agentes de transformação dos contextos

sociais em que atuam pela articulação de diferentes habilidades na construção do conhecimento. Nas reflexões de Braga:

Pensando nos avanços rápidos das práticas letradas digitais, mesmo que sejamos saudosistas, não podemos ignorar que só o domínio do registro escrito verbal não é mais suficiente para viabilizar uma participação social mais ampla em práticas letradas. Isso aponta para a necessidade de a escola abrir-se para novas práticas de leitura e produção textual e passar a explorar novos modos de construção do conhecimento. (Braga, 2013, p. 38)

Os avanços tecnológicos fizeram emergir uma versatilidade e uma variedade de práticas de letramentos que nos desafiam a desenvolver cada vez mais os saberes sobre ambientes e textos digitais. Hoje, com o advento da internet e das informações rápidas que chegam a todo instante via *link*, imagem, vídeo, áudio etc, mostram que apenas o conhecimento do código linguístico não dá conta das práticas que realizamos socialmente.

Para atuar de forma satisfatória nas diversas esferas sociais, construir e compartilhar conhecimentos implica compreender como os saberes sobre as linguagens podem ser articulados para atuar nesses ambientes e produzir sentidos. Tudo isso aponta a necessidade de a escola se abrir a novas formas de trabalhar a leitura e a escrita, de modo que se articule saberes linguístico-discursivos, técnicos, sobre interfaces digitais e como essa prática pode se constituir uma nova forma de aprendizagem.

No entendimento de Buzato, “Os novos letramentos/letramentos digitais são, portanto, ao mesmo tempo produtores e resultados de apropriações culturais (mas também institucionais, sociais e pessoais) das tecnologias digitais. (Buzato, 2010, p. 54)

A sociedade com sua dinâmica de relações produz letramentos a partir das diversas necessidades que surgem e esses, por sua vez, a implicam e são por ela implicados. Ou seja, sempre que nos apropriamos de uma tecnologia para determinados fins e com objetivos estamos praticando ações que revelam valores sociais e culturais.

Um exemplo que podemos citar é o de uma pessoa que não gosta de usar as redes sociais e não as possui. Sendo contratada por uma empresa que faz uso do aplicativo *WhatsApp* para sua comunicação, ela será condicionada a instalar e participar desse grupo, uma vez que seu trabalho depende desse tipo de comunicação.

Diante disso, compreendemos que determinados processos nos chegam, são incontornáveis e não temos como fugir deles, pois se tornaram práticas sociais. Quando não realizadas, podemos ser excluídos de grupos e de determinadas atividades que ocorrem por meio de algumas instâncias sociais.

Assim sendo, a prática e vivência de letramentos digitais tanto pelos professores como pelos alunos, pressupõe a necessidade de saber usar tecnologias digitais, não apenas de forma mecânica, mas perceber seu potencial como meio para o desenvolvimento de novas habilidades que podem resultar na transformação do sujeito.

Para Coscarelli e Ribeiro, “Letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever).” (Coscarelli; Ribeiro, 2021, p. 08) Com base na afirmação das autoras, a prática de letramento digital diz respeito aos usos e vivências que fazemos da leitura e da escrita em ambientes digitais. Esses espaços abrem um leque de possibilidades para articular novos/variados conhecimentos a partir de experiências do saber-fazer.

Nesse mesmo entendimento, Aranha e Mata argumentam: “Para que o indivíduo seja um letrado digital é necessário que este possua competências e habilidades para ler e escrever em ambientes virtuais/digitais.” (Aranha; Mata, 2017, 104) Ser letrado digital implica compreender os novos modos de ler e escrever e, portanto, de produzir sentidos, pois as ações se dão em ambientes digitais o que difere da leitura do impresso pela quantidade de estímulos semióticos recebidos em tela. Nessa perspectiva, em rede, no ciberespaço, as mudanças ocorridas dizem respeito não só ao suporte, mas à configuração do texto, a hibridização de linguagens e a própria dinâmica interacional.

O atual cenário social contemporâneo, suscita discussões acerca da necessidade de analisar o que sabemos e o que precisamos aprender, enquanto atores sociais, mas sobretudo como professores que precisam aprender para ensinar. Diante dessas provocações, percebemos que não basta o saber técnico, mas há necessidade de problematizar a própria tecnologia como meio para a aquisição de novas aprendizagens. Braga e Vóvio analisam que,

A WEB 2.0 propiciou um avanço importante na direção da democratização das possibilidades de expressão das vozes locais, criando condições viáveis para a ampliação de capital social, coletivo e até mesmo cidadão. Em síntese, os recursos oferecidos por essa tecnologia abrigam canais através dos quais o leitor passou a ter a possibilidade não só de acessar textos, mas também de compartilhar sua resposta diretamente com os autores dos materiais publicados e também com outros leitores que compartilhavam o mesmo espaço virtual. (Braga; Vóvio, 2015, p. 52-53)

A *web* democratizou o espaço de voz, de escrita e de construção e compartilhamento do saber. Por meio dela, é possível acessar informações de todo tipo sem restrições, se divertir, produzir, publicar etc. Leitores e produtores passaram a ter mais abertura, mas também outras responsabilidades e desafios. A princípio, pensar uma atuação mais ética, compreendendo a internet como bem social no sentido de que ela contribui para disseminar conhecimentos, colaborando com uma rede de saberes. Depois, pensar na nova configuração de textos com base nos novos espaços em que se apresentam, trazendo cada vez mais variadas semioses para interpretação e produção de sentido.

Como nos aponta Braga, “Nas páginas digitais da internet a leitura é multimodal e demanda escolhas de percursos e o acesso a conteúdos é realizado em rede, acessando *links* que remetem a outras páginas e a outros *links*.” (Braga, 2013, p. 41)

Os ambientes digitais demandam do leitor pensar a sua atuação a partir de outras possibilidades, pois a leitura se apresenta de forma multimodal. Assim, quando no impresso temos, predominantemente, a linguagem verbal, nos ambientes digitais temos variadas formas de linguagem que se articulam para produzir sentidos. A multimodalidade pode se apresentar, nesse sentido, através de ícones, *links*, imagens, vídeos e outras possibilidades de significação. Como ressalta Xavier (2005), o letramento digital implica outras formas de ler e de compreender as linguagens. Desse modo, “Ser letrado digital implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais.” (Coscarelli; Ribeiro, 2021, s.p.) O letramento digital está relacionado aos usos que fazemos da leitura e da escrita com objetivos específicos, que podem ser variados. Nesse sentido, ele está articulado às vivências do sujeito que podem sempre contribuir para o aumento do seu nível de letramento digital.

Metodologia

Este artigo discute alguns conceitos relacionados à formação docente na contemporaneidade e, nesse sentido, apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2002) é aquela que se constrói com base em materiais já publicados, quais sejam livros, artigos, dissertações, teses etc. A pesquisa bibliográfica é parte fundamental para a construção do conhecimento, sua sistematização e ressignificação, (Paiva, 2019),

Ressaltamos, pois, que o estudo surgiu com base nas discussões empreendidas no âmbito da disciplina Letramentos, Formação de Professores e Escola Conectada no Mestrado em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. As reflexões aqui desenvolvidas não visam esgotar a temática, mas suscitar outras possíveis discussões acerca da formação de professores em uma sociedade em constante processo de mudanças, que se configura em rede.

Considerações Finais

A formação do professor precisa estar alicerçada em conhecimentos sólidos e em uma prática pedagógica coerente. Isso implica em ressignificar as suas ações a partir do uso de metodologias que contemplem as tecnologias digitais em contextos de ensino. Não queremos dizer com isso que as TDIC por si só promovam melhorias no processo formativo e de aprendizagem, mas com atividades planejadas e objetivos bem definidos elas podem tornar-se potencial formativo.

A cultura digital é marcada pela disseminação das TDIC o que implica mobilizar saberes variados e articular conceitos, saberes técnicos e experiências em ambientes digitais para interagir em rede. Assim, uma das premissas dessa cultura, por assim dizer, é estar sempre conectado e interagindo. Para tanto, habilidades relacionadas aos letramentos digitais precisam ser desenvolvidas para que tanto o professor como o aluno saibam agir e interagir no ciberespaço.

Mesmo diante de todos os avanços das TDIC, ainda percebemos que muito ainda precisa ser feito para que um trabalho na perspectiva dos letramentos digitais seja realizado em sala de aula. No entanto, acreditamos que o início de tudo se dá na formação, pois é com base nessa aprendizagem que as ações em sala serão realizadas. No mais, ainda é incipiente a reflexão sobre conceitos na interface do que pode ser desenvolvido, a exemplo de letramento digital e como ele pode ser articulado, contribuindo para o aprimoramento da prática pedagógica e a realidade em sala de aula.

Referências

- Aranha, S. D. G., & Mata, I. P. L. B. (2017). A inserção da mídia e das tecnologias digitais na educação: Um enfoque a partir dos pressupostos dos letramentos. *Afluente*, 2(5), 96-112.
- Buzato, M. E. K. (2006). *Letramentos digitais e formação de professores*. Educarede.
- Buzato, M. E. K. (2010) Novos letramentos e mediação tecnológica: Conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. Em A. E. Ribeiro (Orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. Peirópolis.
- Braga, D. B. (2013). *Ambientes digitais: Reflexões teóricas e práticas*. Cortez.
- Braga, D. B., & Vóvio, C. L. (2015). Uso de tecnologia e participação em letramentos digitais em contextos de desigualdade. Em D. B. Braga (Org.). *Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social*. Cortez.
- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação
- Brasil. (2019). *Base Nacional Comum para a formação inicial de professores da educação básica (BNC Formação)*. CNE, Ministério da Educação.
- Coscarelli, C. V., & Ribeiro, A. E. (2021). Apresentação. Em C. V. Coscarelli & A. E. Ribeiro (Orgs.). *Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, (3 ed. 2 reimp., pp. 07-12). Autêntica Editora.
- Coscarelli, C. V., & Ribeiro, A. E. (s/d). *Letramento Digital*. Em Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. UFMG/Faculdade de Educação.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Imbernón, F. (2009). *Formação permanente professorado: Novas tendências*. Cortez.
- Imbernón, F. (2010). *Formação continuada de professores*. Artmed.
- Kenski, V. (2013). *Tecnologias e tempo docente*. Papirus.
- Lévy, P. (2010). *Cibercultura*. Editora 34.

Masetto, M. (2013). Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. Em J. M. Moran, M. Masetto & M. A. Behrens. (Orgs.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*, (pp. 141-171). Papyrus.

Moran, J. M. (2013). Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. Em J. M. Moran, M. Masetto, M. A. Behrens. (Orgs.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*, (pp. 11-72). Papyrus.

Moran, J. M. (2012). *A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. Papyrus.

Tardif, M. (2014). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis.

Paiva, V. (2019). *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. Parábola.

Xavier, A. C. (2013). *Retórica digital: A língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador*. Pipa Comunicação.

Xavier, A. C. (2005). Letramento digital e ensino. Em C. F. Santos & M. Mendonça. (Orgs.). *Alfabetização e letramento: Conceitos e relações*. Autêntica.